

Meryelle Macedo da Silva

Universidade Regional do Cariri-URCA  
meryellerodrigues@hotmail.com

Henrique Cunha Junior

Universidade Federal do Ceará-UFC  
hcunha@ufc.br

---

# Percursos urbanos como forma de pesquisar o patrimônio afrocratense

## Resumo

A consciência espacial deve ser o principal objetivo do ensino de Geografia, seja no ambiente acadêmico ou escolar, como meio de apreensão e transformação da realidade. Para tanto, o estudo do lugar é imprescindível, enquanto espaço de vivência cotidiana, onde podemos vislumbrar com mais veemência a materialidade e as relações sociais. Nesse contexto, os percursos urbanos constituem uma metodologia apropriada para compreender a relação entre consciência, espaço e lugar, à medida que permitem o caminhar pela cidade, vislumbrando a forma-essência dos objetos geográficos. No caso desse trabalho, tivemos como aporte a relação entre consciência, espaço, lugar e espacialidade negra, considerando o patrimônio arquitetônico forjado através de técnicas de construção africanas e da mão de obra africana e afrodescendente, na cidade do Crato-CE. Tendo como concepção a pesquisa afrodescendente, as africanidades e a afrodescendência, associada à metodologia dos percursos urbanos, pesquisamos o patrimônio afrocratense a partir da arquitetura. Sintetizamos os resultados em três exemplares arquitetônicos, a saber, a antiga Casa Câmara e Cadeia, a Feira livre e tradicional e o Seminário São José. Desse modo, os percursos urbanos, condicionados sob a base conceitual apropriada, promoveram a consciência espacial sobre o patrimônio afrocratense, sendo relevante instrumento de estudo do espaço urbano.

**Palavras-chave:** Consciência espacial, patrimônio arquitetônico, Crato-CE.

## **Abstract**

### URBAN PATHWAYS AS A WAY TO SEARCH AFROCRATENSE HERITAGE

Spatial awareness should be the main objective of teaching geography, whether in the academic or school environment, as a means of apprehending and transforming reality. Therefore, the study of the place is essential, as a space of daily living, where we can glimpse more strongly the social materiality. In this context, urban paths constitute an appropriate methodology for understanding the spatial consciousness-place relationship, as they allow the city to walk, glimpsing the essence-form of geographic objects. In the case of this work, we had as a contribution the relationship spatial awareness-place-black space, considering the architectural heritage forged through African construction techniques and African and African descent workforce in the city of Crato-Ce. Based on the African descent research (CUNHA JUNIOR, 2013), Africanities and African descent (CUNHA JUNIOR, 2001), associated with the methodology of urban pathways, we researched the Afrocratense heritage from architecture. We synthesized the results into three architectural examples, namely the old House Chamber and Jail, the free and traditional Fair and the São José Seminary. Thus, the urban paths, conditioned on the appropriate conceptual basis, promoted spatial awareness of the Afrocratense heritage, being relevant instrument of study of the urban space.

**Key-words:** Spatial awareness, architectural heritage, Crato-CE.

## **1. Introdução**

Os estudos geográficos devem favorecer a consciência espacial (SANTOS, 2012), como mecanismo de entendimento da realidade através de suas categorias de análise, dentre as quais se destaca aqui o conceito de lugar. Os percursos urbanos consistem numa metodologia apropriada para tal finalidade, à medida que permitem o caminhar pela cidade, vislumbrando a forma-essência dos objetos geográficos, em específico, o patrimônio arquitetônico como ancestralidade materializada, enquanto matriz cultural africana.

Os percursos implicam na relação entre afetividade e significâncias sobre o espaço, na qual há a valorização das práticas cotidianas, no sentido social e cultural, elementos dinamizadores do meio urbano (SANTOS; SANTOS, C.; ROMANO, 2016). Nesse contexto, buscamos aprofundar as africanidades e a afrodescendência do lugar, este sendo a cidade do Crato-CE, localizada na região do Cariri, objetivando analisar os percursos urbanos como forma de pesquisar o patrimônio afrocratense.

O Crato, em sua origem e transformação teve grande influência dos povos africanos e seus descendentes, culminando num patrimônio cultural, em especial, uma memória edificada, forjada a partir de técnicas de construção africanas, a exemplo do adobe, da taipa e dos engenhos de cana-de-açúcar, e/ou decorrente da mão de obra africana e afrodescendente, cuja apreensão permite o conhecimento das espacialidades negras tendo em vista o desvelar da realidade, em geral, presa ao conhecimento historiográfico tradicional local, de referência eurocentrada.

Para o trato desse trabalho, tivemos como concepção a pesquisa afrodescendente (CUNHA JUNIOR, 2013), tendo como base conceitual as africanidades e a afrodescendência (CUNHA JUNIOR, 2001) e como metodologia os percursos urbanos. Realizamos os percursos, especialmente no centro histórico citadino e no bairro Seminário, este sendo um dos bairros mais antigos da cidade, constituído por uma maioria populacional afrodescendente, envolvendo, assim, uma relação centro-bairro negro. Nesse sentido, sintetizamos os resultados em três exemplares arquitetônicos: a antiga Casa Câmara e Cadeia (hoje espaço museológico), a Feira livre e tradicional e o Seminário São José. A construção de cada exemplar guarda em si conhecimentos ancestrais sobre o fazer e o ser, que devem ser revelados como propulsores do respeito à diversidade cultural e do conhecimento/reconhecimento étnico-racial. Os percursos urbanos, condicionados sob base conceitual apropriada, promoveram a consciência espacial sobre o patrimônio afrocratense, sendo relevantes instrumentos de estudo do espaço urbano.

## **2. Percursos urbanos e consciência espacial**

A Geografia, tendo por objeto de estudo o espaço geográfico, deve promover a consciência espacial (SANTOS, 2012), o que permite a apreensão da realidade de modo crítico, tendo em vista a dialética da transformação social sobre o meio, onde incidem fatores econômicos, políticos e de ordem cultural. Moreira (2009) nos diz que o concreto social tem uma essência, cujo açambarcar depende da superação da aparência, o que é possível através da suplantação da observação pela análise espacial. Assim,

podemos dizer que ser consciente espacialmente significa compreender as imaterialidades sociais materializadas nos objetos geográficos.

Acreditamos que os estudos geográficos devem apontar para o estudo do lugar, onde se realiza as práticas cotidianas, imbuídas de simbologias que alimentam a afetividade e o sentimento de pertencimento. Na perspectiva de Silva, Lima e Cunha (2012, p. 50) “[...] o lugar se caracteriza como o espaço vivido, onde as experiências se renovam e as relações sociais se materializam na paisagem [...]”. Nesse contexto, Mendes, Sousa e Pereira (2017, p. 155) enfatizam que o estudo do lugar possibilita a compreensão das “implicações sociais, culturais e econômicas de um determinado grupo”, ao passo que favorece o conhecimento das “relações espaciais até então estabelecidas pelos sujeitos”, sem desconsiderar nesse processo o conhecimento do indivíduo consigo mesmo.

Desse modo, o lugar é sinônimo de afetividade, pertencimento e vivências cotidianas, forjado por um conteúdo geo-histórico cuja apreensão pode desvelar a realidade, no intuito de entender como determinado espaço foi construído, quais grupos sociais impulsionaram tal ação e quais são os significantes sociais presentes, alcançando-se, assim, a consciência espacial, seja de um lugar rural ou urbano, este sendo o fio condutor da nossa pesquisa, pelo fato de ser nosso lócus cotidiano e que desejávamos desvelar.

Tal desvelamento partiu de uma especificidade, fruto do nosso campo de pesquisa, a saber, as africanidades e a afrodescendência, em relação ao patrimônio arquitetônico. De acordo com Cunha Junior (2001), as africanidades podem ser entendidas como a disseminação e a reelaboração cultural fora do continente ancestral, propiciando a formação da sociedade brasileira. Por sua vez, a afrodescendência fala sobre nossas raízes ancestrais, não apenas em termos fenotípicos, mas também culturais.

Nesse contexto, objetivamos analisar as espacialidades negras locais através da memória edificada, considerando as técnicas de construção e os valores simbólicos. Para tanto, tivemos como concepção metodológica a pesquisa afrodescendente, vista em Cunha Junior (2013), que valoriza os territórios de maioria negra, partindo da superação do mito da neutralidade científica, pois o/a pesquisador/a se insere na realidade estudada e busca superar os problemas encontrados.

Como procedimento metodológico norteador, tivemos os percursos urbanos, estes sendo itinerários especializados dentro da cidade, considerando variados tipos de abordagem que se deseja trabalhar, propiciando uma análise do urbanismo através do lugar (RICO; COELHO; GOUVEIA, 1996). Na perspectiva de Marandola Junior, Paula e Fernandez (2007, p. 62), tais percursos podem ser entendidos como a experiência do caminhar e do olhar na qual o pesquisador procura não apenas descrever, mas interpretar a realidade. Para tanto é preciso ultrapassar as características morfológicas da paisagem, através da apreensão da memória e dos “fragmentos holográficos que desenham identidades”, as quais se deseja “conhecer e desvendar”.

Assim, por meio dos percursos urbanos podemos alcançar a consciência espacial das experiências sociais materializadas. Tal fato depende, num primeiro momento, da observação da aparência, para posteriormente analisar seus aspectos sociais constitutivos. A interpretação da realidade encontrada, a partir de uma perspectiva crítica e humanista em Geografia, favorece o revelar de fatos, articulando o social e o simbólico.

Estudar a arquitetura antiga através dos percursos urbanos significa despertar o interesse pela geo-história do lugar como mecanismo de compreensão do presente e de atribuições futuras. No caso da negritude, partimos do vislumbrar de suas africanidades materiais, que se encontram no período vigente e que, em geral, não são consideradas na historiografia dita oficial, como artefatos forjados por uma matriz cultural africana. Assim, o alvorecer dessas discussões no campo científico decorre do conhecimento/reconhecimento do protagonismo negro na produção do espaço geográfico, valorizando a população afrodescendente numa perspectiva de equidade social.

O açambarcar da realidade urbana através dos percursos urbanos deve relacionar o papel das técnicas e das sensações (RICO; COELHO; GOUVEIA, 1996). No trato dessa questão, temos, de um lado, os elementos técnicos que constituem a memória arquitetônica, bem como a população que a materializou, e, do outro, as sensações evocadas ao apreciá-la, o que passa pela memória, por aquilo que já conhecemos sobre tal edificação. A relação dialética entre o conhecimento técnico do patrimônio e a sensibilidade permite o conhecimento étnico-racial, à medida que se vislumbra

a ascendência cultural, além de repercutir no entendimento crítico do espaço geográfico quanto à espacialidade negra, como valorização da diversidade cultural, seja no meio acadêmico ou escolar.

Para tanto, é preciso que durante o percurso urbano haja a problematização das situações, como instrumento de compreensão da realidade espacial, verificando problemas e encontrando soluções para os mesmos, permitindo a “fruição mais racional da cidade” e “um melhor desempenho da cidadania” (RICO; COELHO; GOUVEIA, 1996, p.120).

Sobre o fundamento da literatura especializada, realizamos a fase empírica da pesquisa, tendo como metodologia norteadora os percursos urbanos, no intuito de compreender o lugar através da memória edificada, enquanto fruto da espacialidade negra. Nosso recorte espacial foi a cidade do Crato-CE e, de modo ainda mais específico, seu centro-histórico e o bairro Seminário. Ao analisar o centro histórico buscamos desvelar o protagonismo negro no que se refere à construção arquitetônica, o que não é posto na historiografia oficial local, e no bairro Seminário, bairro de maioria afrodescendente, aspiramos não apenas o revelar das africanidades escondidas, mas valorizar nosso cotidiano mais imediato, os sons, as cores, os sabores, os gestos de nossa vivência. Nesse sentido, os percursos urbanos se apresentam como consciência espacial e valoração da memória, esta vista como alimento para o sentimento identitário afrodescendente.

### **3. Patrimônio arquitetônico afrocratense**

Para sintetizar os dados obtidos durante os percursos urbanos selecionamos três exemplares arquitetônicos que permitem apreender as africanidades e a afrodescendência do lugar. Assim, temos como parte de uma geo-história afrocratense a antiga Casa Câmara e Cadeia (hoje espaço museológico), a Feira livre tradicional e o Seminário São José.

O Crato está localizado ao sul do estado do Ceará, na microrregião do Cariri<sup>1</sup>, tendo papel relevante do ponto de vista econômico, político-administrativo e cultural para o cenário regional caririense (PASQUALE, 1955). Segundo Farias Filho (2007), o Crato tem como núcleo embrionário

a Missão do Miranda, surgida no ano de 1740 com o aldeamento dos índios cariris, às margens do rio Granjeiro, no local onde hoje se encontra a Praça de Sé.

Em 1764, o Crato é instituído como Vila, tendo como principal atividade econômica a agricultura, sobretudo, o plantio da cana-de-açúcar para a produção de rapadura e aguardente. O espaço urbano a essa época era pouco significativo, devido à opulência rural, haja vista que a efervescência social se dava no campo (FARIAS FILHO, 2007).

Cerca de oito anos antes da Missão do Miranda tornar-se Vila Real do Crato, ocorre, de acordo com Oliveira (1979, p. 332), em 1756, a primeira entrada de modo organizado de “escravos negros” no Sul do Ceará, em razão da emergência das “Minas de São José dos Cariris”, que objetivava a busca por metais preciosos na região. Entretanto, com a extinção da companhia em 1768, os escravos voltam “para o poder de seus senhores não se tendo notícia de seus destinos”.

A incógnita quanto ao destino dos/as escravizados/as vista em Oliveira (1979) é parte constituinte da historiografia tradicional, que tende a negar a negritude e seu protagonismo social, tendo como base o pensamento eurocentrado. De acordo com Ratts (2011), a negação da presença negra no Ceará foi historicamente construída, no sentido político e geográfico, com a finalidade de esconder a história e o movimento negro, impedindo o alcance de seus direitos enquanto produtores do espaço.

Um primeiro passo, para a apreensão do protagonismo negro no Ceará, é suplantar o mito da não presença negra e/ou de sua irrelevância frente a outros grupos étnico-raciais do estado. Para tanto é imprescindível problematizar o que é posto como fato, criticando a realidade a partir da educação formal em diálogo com a comunidade, com o espaço vivido.

No contexto de uma análise crítica da geo-história dos lugares, no que tange a espacialidade negra, em geral, é preciso um trabalho de garimpagem teórica condicionado a leituras especializadas sobre a temática, propiciando o açambarcar das africanidades locais.

Nesse sentido, Irffi (2016) faz uma nova análise sobre as Minas de São José dos Cariris e o trabalho escravizado. A autora sinaliza que o estabelecimento da referida mina permitiu uma “intensificação” da mão de obra escravizada, o que nos incute a reflexão de que escravizados/

as já exerciam suas práticas espaciais, antes mesmo de 1756, ano de instalação da companhia. A dissolução das Minas de São José dos Cariris propiciou ainda a incorporação do/a escravizado/a ao cenário regional, em atividades do campo e da cidade.

Nesse contexto, o Cariri se desenvolveu, tendo a participação do africano e de seus descendentes. Tanto no período colonial, como no império, “o serviço realizado pelo cativo era largamente utilizado, no espaço urbano, em trabalhos domésticos e de ganhos e, no meio rural, nas lavouras, fazendas de gado e engenhos de rapadura e aguardente [...]” (IRFFI, 2016, p. 14).

Devemos entender o trabalho do/a escravizado/a para além de um “fator de produção”, limitado à força bruta e à descontextualizado de um pensamento racional, pois, mesmo na condição de cativo, africanos e afrodescendentes espacializaram sua cultura, fomentando um patrimônio cultural (CUNHA JUNIOR, 2010), que no campo material tem no patrimônio arquitetônico significativa expressão.

O povo negro no Cariri teve grande preponderância para a “construção arquitetônica das cidades” (NUNES; CUNHA JUNIOR, 2011, p. 52), haja vista que os povos africanos conheciam variadas técnicas de construção, aqui disseminadas à época do escravismo criminoso, como no caso do adobe, da taipa de pilão e da taipa de mão, esta também chamada de “pau a pique” (CUNHA JUNIOR, 2010). De acordo com Weimer (2008), os povos bantos africanos foram os mais escravizados dentro do contexto brasileiro, seguidos pelos povos sudaneses, ambos possuidores de conhecimentos acerca da arquitetura, os quais foram difundidos e reelaborados no Brasil. São exemplos de tecnologias africanas arquitetônicas, além das construções de taipa leve, as sanzalas, as enxovias, os quilombos, as construções em “meia parede”, a arquitetura dos engenhos, os alpendres e o telhado em duas águas.

Considerando os aspectos supracitados, em especial as tecnologias do adobe, da enxovia e do telhado em duas águas, apresentamos nosso primeiro exemplar patrimonial arquitetônico na Cidade do Crato, a saber, a antiga Casa Câmara e Cadeia (imagem 1), hoje espaço museológico, localizado no centro histórico citadino. A Casa Câmara e Cadeia deveria ter sido edificada após a elevação do Crato à categoria de vila, o que só



aconteceu em 1877, quando já havia alcançado o título de Cidade, obtido em 1853, o que demonstra a pouca significância do crescimento urbano naquela época (GURGEL, 2012). Segundo Farias Filho (2007), até 1960 funcionou de modo simultâneo, na parte superior do prédio, a Prefeitura, o Fórum e a Câmara Municipal, enquanto que a parte térrea abrigava a Cadeia Pública.

As Casas Câmara e Cadeia, tanto no período colonial, quanto no imperial, eram representativas do desenvolvimento urbano (TEIXEIRA, 2006 apud GURGEL, 2012, p. 57-8). Gurgel (2012, p. 58) nos diz sobre o edifício cratense: “[...] a porta de ingresso à escada que leva ao pavimento superior, onde se localizava a Câmara, encontra-se na fachada que se volta para a praça<sup>2</sup>; e, o acesso à cadeia é feito na outra fachada [...]”, pela Rua do Fogo<sup>3</sup>. Por sua vez, Pinheiro (2010, p. 107) ressalta que o espaço da cadeia era “[...] um lúgubre edifício. Em baixo as enxovias, cavadas no chão, a umidade a escorrer das paredes, os presos a alcançarem mal com as cabeças as estreitas janelas gradeadas de ferro e rasgadas para a praça da Matriz”.

Por meio dos percursos urbanos vislumbramos o referido prédio, problematizando as relações sociais que o materializaram, considerando seu valor memorialístico enquanto símbolo cultural cratense e em específico da espacialidade negra local. Assim, buscamos apreender as técnicas e as sensações, na perspectiva de Rico, Coelho e Gouveia (1996), bem como o visível e o não visto, como na concepção de Marandola Junior, Paula e Fernandez (2007).

Tal ação nos leva a indagar: quem dominava as técnicas que permitiram a edificação do prédio? Não eram essas de matriz africana?! Quem derramou suor e sangue para que hoje ele estivesse de pé? Não foram os trabalhadores negros?! Quais sentimentos eram evocados quando cada parede era erguida? Eram esses bons ou ruins? Não era a elite branca que ocupava a parte superior do prédio, a detentora do poder político e econômico?! E quem eram os presos da parte térrea? Não seriam em sua maioria afrodescendentes?! Essa reflexão instiga-nos a buscar um melhor entendimento da geo-história do nosso lugar, sobre nossa ancestralidade e sua espacialidade, no intuito de visibilizar o invisibilizado no que se refere à produção do espaço urbano cratense.

**Imagem 1**  
ANTIGA CASA CÂMARA E CADEIA



Fonte: Autores, 2019.

O nosso segundo exemplar é a feira tradicional do Crato (imagem 2). Entendemos a mesma como patrimônio arquitetônico tendo em vista sua dimensão material enquanto conjunto de atividades ao ar livre, dispostas nas ruas. Aqui a rua, enquanto objeto material, é símbolo arquitetônico, carregada de subjetividades, cuja apreensão passa pela relação corporeidade-meio. É preciso transcender a forma e açambarcar a essência social, que está na problematização da realidade, mas também nos cheiros, nos sons, nos gostos, nas texturas que a feira emana. Nesse contexto Marandola Junior, Paula e Fernandez (2007, p. 64) afirmam que “[...] o conhecimento de uma dada espacialidade, no sentido cognitivo, não pode ser adquirido a não ser que se tenha experienciado corporalmente tal espaço [...]”.

A feira livre do Crato está situada nas imediações do centro histórico e ocorre nas segundas-feiras. Em épocas precedentes era disposta em uma maior quantidade de ruas, de acordo com a especificidade dos produtos. Assim, Farias Filho (2007, p. 132) nos conta que na Travessa da Califórnia<sup>4</sup> “[...] vendiam-se miçangas, temperos, utensílios de barro, etc.; na rua Grande<sup>5</sup>, vendiam-se calçados; na rua do Fogo redes de algodão, louças de barro; na rua Formosa<sup>6</sup> malas de couro[...]”. É necessário enfatizar que muito dos elementos vendidos eram materialmente constituídos por um

conhecimento africano, a exemplo dos utensílios de barro, dos calçados de couro e do fabrico das redes (CUNHA JUNIOR, 2010).

Para Oliveira (2013), as feiras livres constituem uma realidade africana, que no Brasil foram disseminadas e reelaboradas como atividade econômica e cultural. Segundo Weimer (2008), o comércio ao ar livre fazia parte da ambiência africana, pois permitia uma relação com a natureza que se convertia em um valor cultural.

**Imagem 2**  
FEIRA TRADICIONAL



Fonte: Autores, 2019.

Os nossos percursos urbanos levaram-nos para além da análise do centro histórico buscando açambarcar o bairro Seminário, onde se encontra nosso terceiro exemplar arquitetônico: o Seminário São José (imagem 3). O Seminário São José pode ser visto do centro citadino, ao passo que, a partir do bairro Seminário, têm-se uma vista panorâmica da cidade, devido à altitude do local onde se encontra.

A edificação do Seminário São José se deu entre 1874 a 1875 (FIGUEIREDO FILHO 1968 apud FARIAS FILHO, 2007, p. 116), se caracterizando por sua imponência arquitetônica e pelo pioneirismo educacional e cultural do Crato (FARIAS FILHO, 2007). A construção do referido prédio foi um marco para a formação espacial do bairro Seminário (BRITO, 2008),

tendo, como rua mais antiga, a da Misericórdia, atual Diógenes Frazão (FARIAS FILHO, 2007). Antes de ser chamado Seminário, o bairro em questão se chamava Alto do Granjeiro, sendo Granjeiro o rio que corta a cidade e separa os bairros Centro e Seminário (GURGEL, 2012); o bairro também se chamou Alto da Matança, em razão de ter havido ali, às sextas-feiras, uma feira de gado, onde os animais eram abatidos.

Em relação à região do Cariri, Nunes e Cunha Junior (2011) sinalizam um intenso contingente populacional vindo de outros estados do Nordeste, em decorrência da atuação religiosa do padre Cícero, em Juazeiro do Norte, e também da seca. Assim, populações, em sua maioria preta e parda, em busca de conforto espiritual e de condições de vida mais favoráveis, migraram para o Cariri e, quando não se destinavam a Juazeiro, ocupavam as cidades próximas. Tal fato constituiu-se como preponderante para a diversidade cultural da região.

Diante desse contexto, acreditamos que muitos bairros negros foram formados, considerando a população negra já existente em cada lugar. Na perspectiva de Cunha Junior (2016), os bairros negros são propagados pela gestão urbana apenas como locais periféricos. Aqui, a nomenclatura periférica se enquadra no processo de negação da presença de comunidades negras na cidade, desvalorizando seus referenciais culturais e as identidades étnico-raciais.

Farias Filho (2007) afirma que a população que formou as periferias sociais do Crato foi, em geral, condicionada pelo êxodo rural, e de modo mais intenso na década de 1960, quando as políticas públicas se voltam para o setor industrial. Sobre o aspecto urbanístico desses bairros, Pasquale (1955, p.43) sinaliza que as ruas não seguiam um traçado regular, sendo “[...] empoeiradas, ladeadas por pequeninas habitações de pau-a-pique, baixas, de plantas quadrangulares [...]”.

Ao vislumbrar a realidade cotidiana do bairro Seminário, percebemos que o mesmo guarda uma essência cultural fruto de uma ancestralidade africana, vista nos modos de ser das pessoas, na relação destas com o meio, na religiosidade, na música e na dança, nas conversas informais, nas técnicas de construção, nos lugares da memória, onde lembranças individuais de realidades coletivas da espacialidade urbana são evocadas, favorecendo a afetividade e a identidade cultural.

Os percursos urbanos promovem a relação com a cotidianidade, com os fazeres espaciais. Segundo Santos, Santos C. e Romano (2016, p. s/p), através do cotidiano é possível a articulação entre o entendimento espacial e as experiências locais, haja vista, que “[...] ele inclui uma multiplicidade de perspectivas que desenvolvem o exercício de um olhar de forma espacial sobre a realidade”.

Nesse contexto, a apreensão da realidade a partir dos percursos urbanos, tendo em vista o Seminário São José e sua influência para a formação e a expansão do bairro Seminário, deve incorporar a ambiência imediata, como mote para compreensão de relações sociais mais complexas materializadas nos objetos geográficos. Assim questionamos: qual grupo social edificou de fato o Seminário São José? Não eram eles em sua maioria negros?! E quanto à robustez das paredes, ao adobe do qual se constituem, aos alpendres interiores, são conhecimentos técnicos de qual grupo étnico-racial? Não seriam esses frutos de um conhecimento africano?!

**Imagem 3**  
SEMINÁRIO SÃO JOSÉ



Fonte: Autores, 2019.

Nesse contexto, dizemos que existe um patrimônio afroarquitetônico na cidade do Crato, fruto de uma espacialidade africana e afrodescendente, cujo entendimento depende do açambarcar da forma-essência, materialidade-imaterialidade do patrimônio. Os percursos urbanos se tornam uma metodologia apropriada para tal finalidade por permitirem a consciência espacial através do caminhar e da corporeidade, como mecanismo de alcance cognitivo sobre a realidade estudada, tendo em vista as afriacidades e a afrodescendência do lugar.

#### **4. Considerações finais**

Acreditamos que a consciência espacial deve fazer parte do ensino de Geografia, seja no ambiente acadêmico ou escolar, como aporte para a compreensão da realidade e para processos interventivos de transformação social. Nesse tocante, o estudo do lugar se torna imprescindível, por ser o lugar lócus da vivência, das práticas espaciais cotidianas, da relação com a materialidade produzida historicamente, cuja análise pode favorecer o alcance das relações sociais preexistentes, confrontadas com a realidade vigente.

Quando refletimos sobre a formação da cidade do Crato, devemos considerar as espacialidades negras, de africanos e afrodescendentes, representadas pela disseminação e pela reelaboração cultural, bem como por conhecimentos favoráveis à produção e à transformação do espaço geográfico, como é o caso das técnicas de construção arquitetônica.

No que tange a apreensão da relação consciência espacial-lugar, temos nos percursos urbanos uma importante contribuição, haja vista que o caminhar pela cidade, enquanto ação objetiva-subjetiva, propicia o açambarcar da forma-essência da memória edificada. Assim, através dos percursos urbanos, pesquisamos o patrimônio afrocratense e apreendemos as especialidades negras, as afriacidades e a afrodescendência como preponderantes para a formação e a transformação material-imaterial do lugar.

## Notas

- <sup>1</sup> Composta pelos municípios de Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha, Jardim, Santana do Cariri, Porteiras e Nova Olinda.
- <sup>2</sup> Praça da Sé.
- <sup>3</sup> Atual Rua Senador Pompeu.
- <sup>4</sup> Atual Rua Bárbara de Alencar.
- <sup>5</sup> Atual Rua Dr. João Pessoa.
- <sup>6</sup> Atual Rua Santos Dumont.

## Referências

BRITO, Luisa Amanda Santos. **Memória social e memória educacional**: o caso do grupo de idosos São José do bairro Seminário, Crato-CE. Fortaleza. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará- UFC, 2008.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Tecnologia africana na formação brasileira**. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

\_\_\_\_\_. Lugar fora das ideias urbanísticas: população negra, bairros negros e a produção conceitual das cidades. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE DEMOCRACIA E DESIGUALDADES, 3., Brasília, 2016. **Anais...** Brasília: Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília-UNB, 2016. s/p.

\_\_\_\_\_. Africanidade, afrodescendência e educação. **Educação em debate**, Fortaleza, Ano 23, v.2, n. 42, p. 1-11, 2001.

\_\_\_\_\_. Afrodescendência e Africanidades: um dentre os diversos enfoques possíveis sobre a população negra no Brasil. **Interfaces de Saberes** (FAFICA. Online), v. 1, p. 14-24, 2013.

FARIAS FILHO, Waldemar Arraes de. **Crato**: Evolução Urbana e Arquitetura 1740- 1960. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

GURGEL, Ana Paula C. **Entre serras e sertões**: a(s) (trans)formação(ões) de centralidade(s) na Região Metropolitana do Cariri/CE. 2012. 129 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

IRFFI, Ana Sara R. P. C. Cabras, caboclos, negros e mulatos: escravidão e núcleos familiares no Cariri cearense (1850-1884). **Afro-Ásia**, n. 53, p. 9-44, 2016.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; PAULA, Fernanda Cristina de; FERNANDEZ, Pablo Sebastian Moreira. A experiência do caminhar e do olhar: três percursos na Ponte Preta. **Rua**, Campinas, v. 13, p. 61-78, 2007.

MENDES, Raquel Almeida; SOUSA, Elaine da Silva; PEREIRA, Aires José. A importância da categoria lugar no ensino de geografia: um estudo de caso na Escola Estadual Modelo em Araguaína-TO. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína (TO), Ano 06, n. 11, p. 153-169, set./dez. 2017.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

NUNES, Cícera; CUNHA JUNIOR, Henrique. Os Congos de Milagres: a escola e o ensino da cultura de base africana no Cariri cearense. In: CUNHA JUNIOR, Henrique et al. (Org.). **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 41-45.

OLIVEIRA, Alexsandra Flávia Bezerra de. **Feira Livre de Bodocó: Memórias, Africanidades e Educação**. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

OLIVEIRA, Pedro Alberto de. As origens da escravidão do Ceará. **Rev. Inst. do Ceará**, Fortaleza, n. 99, p. 325-338, jan./dez.1979.

PASQUALE, Petrone. Crato, "capital" da Região do Cariri. **Boletim paulista de Geografia**, n. 20, p. 32-55, jul. 1955.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

RATTS, Alex. O negro no Ceará (ou o Ceará negro). In: CUNHA JUNIOR, Henrique et al. (Org.). **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 19-40.

RICO, Edite; COELHO, José.; GOUVEIA, Lucília. Coimbra: percursos urbanos e exploração pedagógica. **Cadernos de Geografia**, n. especial, p. 119-135, 1996. Disponível em: <[https://www.uc.pt/fluc/depgeotur/publicacoes/Cadernos\\_Geografia/Numeros\\_publicados/CadGeoNespecial99/artigo14](https://www.uc.pt/fluc/depgeotur/publicacoes/Cadernos_Geografia/Numeros_publicados/CadGeoNespecial99/artigo14)>. Acesso em: 19 set. 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. ed. São Paulo: USP, 2012.

SANTOS, Zamberlan Nara Rejane dos; SANTOS, Zamberlan Nastaja Cassandra; ROMANO, Leonora. Percursos urbanos e patrimônio cultural: estudo de caso em São Gabriel, RS. IN: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO, 4., Belo Horizonte, 2016., **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais-UFGM, 2016. s/p.



SILVA, Antônia Carlos da. A pesquisa como princípio educativo na prática do professor de geografia. In. SILVA, Antônia Carlos da et al. (Org.). **Geografia ensino e pesquisa**: produzindo saberes. Curitiba: CRV, 2012. p. 225-235.

SILVA, Meryelle Macedo da; LIMA, Alcilândia Furtado de; CUNHA, Maria Soares da. Geografia Escolar: um olhar a partir de pesquisas acadêmicas e da observação realizada no Ensino Fundamental II em Mauriti/ CE. In. SILVA, Antônia Carlos da et al. (Org.). **Geografia ensino e pesquisa**: produzindo saberes. Curitiba: CRV, 2012. p. 45-61.

WEIMER, Günter. **Interrelações arquitetônicas Brasil África**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <<https://www.ihgrgs.org.br/artigos/membros>>. Acesso em: 18 set. 2019.

Recebido em: 16/10/2019

Aceito em: 20/11/2019